

Revista da Sociedade Literaria
"RUY BARBOSA"

ANNO I — JUNHO — 1924 — N. 3

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACÇÃO: RUA PEDRO CELESTINO 55.

Assignatura

Por semestre 6\$000

Numero avulso 1\$200

CUYABÁ

IMP. EMÍLIO R. DE LIMA

Revista da Sociedade Literaria

"RUY BARBOSA"

PUBLICAÇÃO MENSAL

ANNO I

— JULHO — 1924 —

N. 3

CP divina inspiração

Le but le plus haut de l'art, c'est encore, en somme, de faire battre de coeur humain...

... Ce n'est pas sans motif que l'antiquité voyait en l'inspiration des grands poètes une sorte de divination.

Guyau.

Muitos escrevem, em extreme linguagem não raro, mas com os requisitos de arte que synthetizem a expressão da beleza, so os que foram tocados pelo condão da divina inspiração.

Porque, é ella que nos dá a alma contemplativa e maravilhosa do vidente e nos faz, nas multifarias manifestações da natureza, descobrir um motivo para marmorizar o sentimento nas linhas lapidarias do verso ou no conjunto harmonioso da prosa.

Para ver a natureza é preciso os olhos do inspirado; é preciso que o ser, despindo-se de sua materialidade, penetre-lhe o adyto com a alma de um mysta.

Quantos motivos não surdem propicios á criação eterna e passam despercebidos a muitos espiritos blazonadores de artisticos... e da vida, da alma do cosmos só divisam a forma bruta, germen de uma arte ephemera, chocante e inexpressiva: da arte que morre e passa como as auras, cessando as causas que a determinaram.

Porque, si o sorriso a bailar nos labios coralinos da amada e encanta o enamorado, é motivo para uma arte, não é a arte; se o desenlace de um lar, a desventura de um co-

ração é a motriz de um drama ou de um romance, desde não esmaltizem um caracter, não cristallizem um sentimento commum á humanidade nem concretizem uma das multiplas vicissitudes, que, por assim dizer, são univelsolmente factiveis, e por, isso existem em substratum na consciencia de todas as creaturas, não é a arte

Mas nesse facies humano, que deve caracterizar a obra d'arte, não se incluem, apenas, as grandes crises moraes da vida, mas tambem as pequenas virtuosidades que formam no docel da existencia o estellario fulguroso, em que vamos, unido de sol ou de nevoas desalterar uma saudade ou buscar a caricia de um consolo...

Dizei vós amigos. quem por um existe, que não tenha a doira-lhe a vida, uma pagina querida, e que, ao cymbalar dos sinos tristes ás vespertinas horas ou ao vibrar-lhe as fibras do coração os acordes de um instrumento sonoro, não sinta, á guiza do vigario da poesia "Os velhos" de Paulo Gonçalves, as lagrimas perlejarem-lhe as faces?

Nessa noite de chuva, invernosa e tranquilla,
Na capella, ao clarão dos castiões de prata
Vão espancar o tédio á existencia pacata
O vigario, o juiz e o medico da ville

Comecem a tocar a velha serenata
De Schubert. Atravez as vidraças, em fila,
Espiam os aldeões, curiosos por ouvir-a...
E a musica, sentida, em charros se desata.

Violoncello e violino arrancam taes soluços,
De tal maneira os dois se humanizam gemendo
Que, lá fóra, os aldeões se esquecem de que chove

Nisto, o vigario cae sobre o organ, de bruços:
— Mas, que lhe acontece?

— Que é isso, reverendo?

— Toquemos outra coisa... Esta peça commove...

* *

Tudo. Um laivo, roseo ou violaces, a esmo, lançado

ela mão do artista Divino, na face setinea do céu; para o profano, aquillo nada mais é do que mancha sem sentido, tinta sem alma. Ao artista, quantos painéis de sentimento não espiritualiza esse laivo, e que realizados, seriam de magnifico esplendor, poemas immortaes de suprema belleza?

E aquella pa'meira, esguia, solitaria, perdida nos entevallados, como em oração profunda para as alturas, rimanceando uma vida; que vos diz, senhor?

A mim, na sua solitude, no seu todo contemplativo, em oração silenciosa, ella me diz que a vida deve ser uma profunda meditação e que o supremo esforço do homem é o de elevar sempre, a face para o ceo, para que possa ver e comprehender toda a belleza e maravilha creada pela intelligencia do ARTISTA DIVINO.

E são a esses contemplativos da natureza e da vida que se erguem como palmeiras e os quaes lhes interpretam os mysterios e belleza, nos versos de oiro e na prosa harmoniosa - os que possuem o sentimento do genio e são tocados pelo condão da divina inspiração - aedos da poesia eterna

ALCINDO DE CAMARGO.





Dias de Julho

*Ha momentos do passado
Perpetuos nos corações !
Do abysmo da Eternidade
Tombem se'los anciões;
Ficam as grandes idéas,
As glorias, as epopéas,
Os herões postos de pé
Na luz da Immortalidade
Bradando á Posteridade . . .
Em braços de Josué !*

*Oh ! que a Historia soberana
Tem do bronze a excelsa voz !
— E' rastro dos tempos mortos,
Drama dos nossos avós!
Revive esta scena augusta
Da liberdade venusta
Luctando co'a Escravidão !
— A revolta do civismo
Contra o doido despotismo,
Contra as garras da oppressão !*

*Ver-se a Patria acorrentada
Qual o titan Prometheu ,
Tendo os Andes—como Caucaso
Onde outro povo a prende ?!
E o abrir-se da tyrannia
Disseminado noite e dia
O eterno ideal ?!
Oh ! que esta raça de braves
Não tem o genio de escravos
E se alvoroça agitado !*



*Paulicéa! tens o orgulho
Que te faz ennobrecer;
Foi bem alto este teu brado:
Independencia ou morrer!
Andrada — na gloria fito,
Ledo — o apostolo bemdicto,
São vultos de Briaréos!
O monarcha paladino
No cavallo resupino
Desdobra um gesto p'ra os ceos!*

*Então, vê o mundo enlevado
Da negra jaula surgir,
O Brasil—leão da America—
P'ra as luctas do progredir!
Mes, prende-lhe inda a corrente,
Er' mil roscas de serpente,
Com poder aterrador!
A Bahia alcançadora
Tem su'alma suffocada
Num pesadelo de horror! . . .*

*—Que resta então p'ra que a Patria
Possa bem ter marchar?
Responde a gente spartana
—A Guerra — o d'ão luctar!
—A Guerra? a deusa assassina,
Esta febril e mesquina
Convulsa, negra, feroz,
Que alaga o mundo de sangue,
E que faz to near exangue
O cadaver dos heroes?*



*Sim ! Porque a Pátria oprimida
Precisa salvar-se enfim !
Ruflem retesos tambores
E clangoreje o clarim;
Treme o campo da batalha,
Rasga os ares a metralha,
Baquije o inimigo no chão ;
Triumphe a nossa coorte,
Que vomite o incendio e a morte
A guela atroz do canhão !*

*E a guerra acend u-se horrenda
De Cabrito a Irajá !
Ruge rouca a artilheria
A bala silvando stá ..
Negras nuvens de fumaça,
Do denso pó que esvoaça
Dos pelotões ao tropel,
Cobrem a imagem da Glória
Que estende a mão da victoria
Com refulgente laurel.*

*E então depois dos destroços
Dessa batalha voraz,
Um povo altivo e liberto,
Na apothese da paz,
Via a exelsa divindade
— A deusa da Liberdade —
Celeste, augusta, ideal,
Que surgia do horizonte,
Cingindo na régia fronte
A grinalda auróreal !*

A Resposta do Príncipe Regente

Os autos es, em geral, ao tratarem dessa página memorável que constituiu para o livro da nossa Independência o célebre dia 9 de Janeiro de 1822, em que, pela voz do presidente do Senado da Câmara, José Clemente Pereira, se scientificava a mole população de que D. Pedro, em atenção aos pedidos que lhe foram enviados, resolvera desbeecer à intimação das Côrtes, que o mandavam regressar a Portugal, registram, como verídicas, as palavras que todos conhecemos desde os tempos do professor primário:

— "*Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto: diga ao povo que fico.*"

Esta, entretanto, não pôde ter sido a resposta dada por quem, meses atrás, em carta a D. João VI, jurava ser *sempre fiel ao seu Augusto Pai e às Côrtes*, palavras que escreveu com o próprio sangue, e que não poderiam realizar-se sem a sua presença, e que ele não poderia depois de ter se comprometido, cuja hon-

ra era maior que todo o Brasil, estarem feitos em postas.

Até à data do FICO, D. Pedro se havia mostrado, aparentemente embora, hostil à nossa emancipação, e as palavras com que respondeu a José Clemente Pereira, e que se encontram na "acta" dos acontecimentos do 9 de Janeiro, a-pesar de o impelirem ao primeiro passo, vacilante pela causa brasileira, atestam bem claramente as suas intenções:

— "*Convencido de que a presença da minha pessoa no Brasil, interessa ao bem de toda a Nação Portuguesa: e conhecendo que a vontade de algumas províncias assim o requiere, dem rarei a minha saída, até que as Côrtes e o Meu Augusto Pai deliberem a êsse respeito.*"

Astuto por demais, o presidente do Senado da Câmara, partidário, não obstante, do Príncipe-Regente nas suas ideias de coninuação dos elos que nos prendiam ao velho reindalem-mar; compreendendo perfeitamente a irritação que iriam causar tais palavras no animo exaltadíssimo a multidão, procura retocá-las levemente, mas muda-lhes todo o sentido. Pela resposta transmi-

tida ao povo, D. Pedro abraçava abertamente a causa da nova nacionalidade; mas pela que foi dada a José Clemente, verifica-se logo que o príncipe procurava apenas conter toda efervescência popular; em manter a nossa união, já de todo impossível, com a sua pátria,— uma vez que a sua retirada nos daria incontinente a separação :

— «O navio que reconduzir Sua Alteza Real a Portugal, aparecerá no Tejo com o pavilhão da Independência do Brasil!»

A leitura da Acta do FICO tira-nos de qualquer dúvida, porquanto a subscrevem centenas de assinaturas, enquanto que á margem do papel sob a retificação que se pretendeu fazer, sómente se encontram algumas delas, sendo a primeira de José Clemente. D. Pedro, então, em carta de se mesmo dia a Seu Pai, dando-lhe sciência dos acontecimentos, inseriu como sua a mesma resposta que Clemente transmitira ao povo. Não é, entretanto, por isto, que havemo de julgá-la a verdadeira.

Seja, porém, como for, com uma ou outra resposta, a verdade é que o dia foi para nós de uma importância capital,

Fascinação...



sol derramava sereno seus derradeiros raios sobre a cidade, enquanto deslisavam suavemente algumas juvenis plumbeas, sob o fundo marroquino do infinito além ...

A passos sem cadencia caminhava eu, nem sei para onde. Andei assim vagando sem destino pelas calçadas da cidade, até que enfim, deparei frente a frente, com o portão do jardim aberto de par em par. Minh'alma revelou-se de um modo mais alegre; estava de frente á poesia das flôres! Entrei ...

Ah! Como era encantador aquelle logar onde parecia imperar Pámona com seu cornucópio dissipando flôres em todos os cantos daquelle jardim.

Depois de ter caminhado alguns passos com a alma quasi embriagada pela suavidade

e nstituindo, no desenrolar dos acontecimentos de 1822, o prólogo do Grito do Ipiranga.

Cuiabá 27 — Junho — 1924.
Celestino CORRÊA PINA

daquelle mystico perfume que se evaporava das rosas multicores, de petalas avelludadas, sentei-me em um dos bancos que se enfileiravam ao longo do passeio principal.

Sobre a palma verde-escura de uma elegante palmeira rainha, um canario gorgeava despedindo-se do sol que se escondia lento no poente. Meu coração nunca experimentou tantas sensações agradaveis, como naquella hora de metarmophoses, em que tudo é sublime e fascinador. . . jamais elle tinha sido mergulhado em semelhante oceano de bellesas e poesias.

Uma nova era de felicidades parecia abrir-me carinhosamente a porta. Talvez uma felicidade pas ageir . . . Quem sabe? Quem pode prever as fluctuas phases de um destino que nos espera?

Eu, sentado sobre aquelle banco, assobiava baixinho a "Bella figlia dellamore."

O passaro trinava mais constante, fazendo-me silenciar e applicar o ouvido mais attento ao seu sentimental canto de canario. Era sim; lesmente bello aquelle cantar; ora notas agudas e seguidas com a velocidade igual ás vibradas nas cordas de um violino por

mãos de talentoso artista, ora notas suaves soltas ao vento num murmurar constante. . .

Quando a minha attenção já estava entregue e a suavidade da mavi sa garganta daquelle passaro, fui despertado por um *frou-frou* que se aproximava . . . meus olhos foram attrahidos por dois outros de matiz brilhante e seductor, ella lançou-me um olhar . . . que só por um momento li e comprehendí o que seu coração escrevia atravez daquellas duas pupilas que me fascinaram. Vestia uma seda *fraise*, que acompanhava os suaves contornos de seu corpo praxiteliano.

Passou . . . acompanhada com os meus olhos, cubicando-a, até que desapareceu na curva do jardim . . . O canario tambem desaparecera com seu vôo doudo, por entre a folhagem espessa de um velho jasmineiro em flôr . . .

Amei pela primeira vez.

A noite suffocou com a sua mysanthropia, aquella tarde que considero a mais feliz da minha vida.

E ainda hoje me recordo com saudades daquelles dois olhos que me ensinaram a amar.

Junho de 1924

Lins do Carmo.

SORRIR E ABENÇOAR

(Ao amigo Oder Rodrigues de Lima)

«Minha mãezinha... estou com fome...»

Coelho Neto.

Baço olhar tristonho e sem firmeza da orbita lacrimejante a moribunda lança.

Num catre estragado, aquelle corpo magro descansa, parece sem alma. Nas faces macilentas de tres crianças loiras, se estampa uma tristeza profunda, quando aquelles olhitos innocentes de orphãs de pae, fitam sua querida mãe meio morta. A filha mais velha, numa expressão incontida de dôr e pesar, enxuga com as mãos tremulas, suas lagrimas, que derramava a pouco numa prece á Deus pela mãezinha. A segunda, outra menina, chega perto da doente, apanha-lhe as mãos descarnadas, frias e, depois nellas um beijo; depois, entre soluços de um peitosinho fraco, exausto, ajoelha-se aos pés do catre...

O ultimo um menino de tres annos rachitico, pallido e choroso, abraça sua irmã mais velha e, fazendo seu olhar encontrar com o de sua mãe, exclama — Tenho fome... Sete horas da noite... A chu-

va impectuôsa e assoprada forte ente pelo tuão soberbo, ergue um pedaço de telha, que fica bem em cima d'quelle catre. A goteira aberta, deixa molhar com os finos pingos frios da chuva, os seios abatidos daquela miseravel mãe. As crianças tentam salvar sua progenitôra, mas debalde, porque suas forças não são bastantes; ajunta-se pois ao desanimo que alli reina, o desespero sem esperanza... A enferma num esforço supremo pede uma vez, quasi na ancia do derradeiro instante: «filhos soccorram-me! A morte! A morte! Ella bate a nossa porta»... Assim fallando, perdeu os sentidos a moribunda.

O vento sibilante leva mais pavor áquelle lar abandonado e sosinho naquelle rincão.

Os filhinhos tremulos de frio e fome, medrosos, chorando e abraçados juntos, encolhem-se atraz da porta

Um — ai! — ouve-se entre elles e a mais criança com os labios esteitos, pallidos e tintos de sangue vivo, rola por

erra sem vida! Havia no auge do desespero da fome, mordido uma de suas irmãs, que sentindo a dôr não pôde abafar a sua interjeição. Apavoradas, correm as duas meninas para o lado de sua mãe, que como prova de existência, tem a respiração alterada, assoviada daquelle peito molhado, regelado pelas gotas da chuva que cêbe pela go. ira e inter-nan ente escaldado pela typho que lhe parece fazer o sangue.

A filha mais velha, com as suas vestes, começa a enchugar aqueles seios que a amamentaram, mas contemplando no rosto de sua mãe a morte certa num tom commovente, que p. de ter a vez de uma criança de cinco ou seis annos de idade, fala a sua irmãsinha, que não a ouve, pois também era cadaver agarrada a uma perna do cfre : a nessa mãe vai morrer e a fome não nos deixará existir também. Segue-se um queixume surdo de soluços. . . E a morte, essa pirata atrevida que penetra em qualquer lugar e a qualquer hora sem ser vista, já ali naquelle aposento de profu d. tristeza é inextinguível máse-ria, tinha-se unido estado duas vezes ! Apparece effimil, traço-eramente, ahi em esperada,

pavorosa como nunca, a vista daquelle me ina que resta ao contacto da mãe a tribun-da ! Sua face horripilante, enorme, de apparencia femi-nina attesta um corpo de mul-her monstruós

Um sorriso de escarneo es-capa de sua boca horivel-mente desde tada e baila ma-liciosamente em seus labios amarellos; seus cabellos eri-çados quaes sombras de espe-ctros, dão um aspect apavo-rante da maldição na diabolica apparencia desse phantasma, dessa visão, cuja presença on-de quer que seja, traz coms go a placidez misteriosa d's ce-miterios silenciosos, o reino da meia-noite na quantidade das dormecidas tumbas antigas. . . A menina então, num clamor angustioso e bis-te, encosta seus labios pallidos aos espumantes e inertes d sua mãe e, num prolongado beijo, como procurando u-gar dalli o fel mortifero, co-mo se despediu da vida tortu-rada que a fez escrava dos maiores tormentos, sorri para ésta e aben ôa a visita da morte!

Citá 1 - 7 - 922.

Alvaro Rondon Pontes

CALABAR

Calabar é uma das figuras mais atacadas na nossa história; accusam-no de haver, por ocasião da segunda invasão hollandêsa, passado para as suas forças na noite de 20 de Abril de 1632, depois de combater heroicamente ao lado dos brasileiros e portuguezes, durante dois annos.

Domingos Fernandes Calabar era filho de Angela Alvares e natural da povoação e parochia de Porto Calvo, onde morava sua familia e em companhia da qual alli passou, os primeiros annos da sua existencia.

Varnhagem, [o seu maior detractor na obra "Os hollandêses no Brazil" pag. 85, edição de 1872 confessa: havia sido Calabar um dos primeiros pernambucanos que se alistara contra os hollandêzes e fôra até honrosamente ferido."

Diz Southey, que Calabar achava-se, já no anno da invasão, em Olinda e combatia entre os seus compatriotas, tendo recebido em diferentes recantos, feridas honrosas e mesmo ganho algumas reputações.

Diveras são as opiniões a cerca do seu procedimento: os seus accusadores dizem que elle passou para o lado dos flammingos por haveren estes lhe offerecido honras e dinheiro e tambem por esta perseguido pela justiça por muitos furtos praticados no "Arraial do Bom Jesus;" proclamam os seus defensores que, se Calabar passou para as forças batavas, foi por te comprehendido que o dominio hollandês era muito mais util ao Brasil do que o portuguez e o hespanhol e que o seu procedimento foi o de um patriota e não o de um transfuga ou o de um traidor.

Vamos ver em rapida analyse, cada uma das razões apresentadas, tanto pelos seus detractores como pelos seus glorificadores. Calabar collocou-se ao lado dos hollandêses, por motivo das ofertas que estes lhe fizeram, dizem os que lhe accusam; porem a falsidade disto é cabalmente demonstrada pelo historiado Assis Contra no seu livro "No Limiar da Historia," onde transcreve o seguinte topico da carta de Aldembert á Wundenburgh, dando o motivo da deserção de Calabar:—

«e esse Calaber ou Calabar é um dos mais aguerridos cabos que nos hostilisam. Foi ferido algumas vezes e tem fama de grande patriota. Mandei Jouer que falla o idioma do pais, que se entendesse com elle, e como Jouer é catolico, amigo dos portuguezes e brasileiros e convencionalmente não nos quer bem, saiu-se feliz na empreza. Apesar de ter soffrido injustiças dos seus patricios por ser escuro, recusou-se o offercimento de dinheiro e honras. Somente uma explicação das vantagens e dos beneficios da nossa causa é que o demoveram a se bandejar para o nosso lado. Temos muita necessidade desse mulato (Neger), pois é um bravo guerrilheiro, conhece muito bem o pais, é intelligente e tem fama de bom cabo. Tem sido a alma dos ataques contra nós. Foi elle quem defendeu "Arraial de Bom Jesus," em nossos ataques de 14 de Março. Continuarei a procurar convencello da injustiça da causa que elle defende e pela qual se bate com bravura. Darei nova commissão. A. L. de M. b. e. r. t." (Doc. Wurdemburgh. Arch. nol. carta de 14-11-1631).

No citada carta de Assis

Cintra encontra-se o seguinte trecho de um relatório enviado a 26 de Abril de 1632 por Wurdemburgh ao Conselho Superior da "Companhia das Indias Occidentaes:" —

"Conseguimos com muito custo, e por intermedio de um, nosso agente de propazenda entre os nacionaes, a adherção do bravo e intelligente cabo de guerrilha Domingos Fernandes Calabar. Conhece a fundo o terreno e só se collocou de nosso lado pela convicção, pois recusou a recompensa que v. ss. haviam propozido. Diz que está certo que comnosco sua patria irá melhor, do que com hespanhoes e portuguezes. É um mulato muito cuposo e de grande vivacidade e de grande actividade, muito mais do que as repiões. Envio-lhes uma carta que mandou com a sua commissão."

A carta do Calabar junta a este documento está muito estragada, faltando varias palavras: — ... li por ... e ... nifi ... minha terra ... e ... e sua gente ... e assym ... para ... desta contra os meus ... por de agora sem querer ... pensa nem coisa alguma ... sym para melhorar ... que não tem liberdade de ... specie alguma."

Ora, estes documentos provam que a attitude de Calabar não foi motivada pela ambição de honras e de dinheiro, pois tratam-se de communições feitas por hollandêses, á um seu general e á propria administração da Companhia e é logico que entre elles, não houvessem segredos e portanto narrariam o facto tal qual se deu.

Quanto a allegação da sua passagem haver sido motivada por perseguição da justiça, devido os muitos furtos praticados, é destruida pela base, pois, nas "Memorias Diarias" sobre a guerra hollandêsa, escriptas pelo marquês de Bastos conde e senhor de Pernambuco, representante da metropole, encontramos este topico á pag. 45: — "Abril 20 — Em 20 de Abril se introduziu com o inimigo um mulato chamado Domingos Fernandes Calabar, natural da parochia de "Porto-Calvo, em Pernambuco, onde tinha mãe e alguns parentes. Assistiu e serviu ao principio desta guerra; e quando o inimigo a 14 de Março de 1633 atacou o Real, que se estava a fortificar, foi ferido de um mosquetão. Perdendo isto acrescentar-lhe o odio contra aquella gente, antes o

desvaneceu e a procurou, que tal era a sua damnada intenção, tendo elle muita valor e astucia, e sendo o mais pratico em toda aquella costa e em terra que o inimigo podia desejar. Como o nosso general lhe conhecia o talento, sentiu muito esta fuga... — Muito estimou o inimigo a presença do novo companheiro."

Nas mesmas "Memorias Diarias" encontra-se ainda tratando de Calabar o seguinte: "Mathias de Albuquerque que lhe conhecia o talento e desapontado por successivos reveses, procurou dez mezes depois por todos os meios possiveis seduzil-o, assegurando-lhe não só o perdão de seu delicto, mas ainda mais, si voltasse ao serviço de El-Rey, repetindo estes esforços por muitas vezes, no que se gastou algum tempo: mas, vendo que nada bastava para convencer-o tratou de outros meios."

Ora, não é concebivel que um commandante sinta *muittissimo* a deserção de um soldado gatuno e perseguido pela justiça e que procure "por todos os meios, a sua volta."

Se Calabar fosse um ladrão e por consequencia um desprezivel, não seria elogiado

como foi pelo marquês de Bastos no mesmo dia em que abraçou a causa dos hollandêses.

As defesas apresentadas pelos admiradores de Calabar são perfeitamente admissíveis.

Calabar bandeou para os hollandêses por ter comprehendido que a colonisação flamenga era muito mais util ao Brasil do que a portugueza e a hespanhola, proclamam os seus defensores.

Como bem diz Assis Cintra, "Portugal soffria o guante dos Felippes. O vice-rei de Portugal Christovão de Moura, Miseravel instrumento da politica felippina em Lisboa cobria de impostos o velho reino de Affonso Henriques. O Brasil colonizado pelos portuguezes soffria tambem o opprobrio da mais terrivel oppressão. Os hespanhoes não pensavam senão em opprimir e vexar os brasileiros esmagando-os com o peso de uma tyrania sem limites."

Na sua obra citada, Assis Cintra menciona as provisões regias de 9 de Fevereiro de 1591; 5 de Outubro de 1592; 11 de Março de 1593; 6 de Março de 1599; 27 de Setembro de 1605 etc; as resoluções de 20 de Fevereiro de

1601; 18 de Março de 1604; 16 e 28 de Julho e de 28 de Novembro de 1606; e A. C. R. de 5 de Janeiro de 1603; 30 de Julho de 1614 e de 24 de Agosto de 1626 que reduzem o Brasil á mais negra escravidão: impostos terriveis e absoluta intransigencia e isolamento do mundo.

Portugal e Hespanha não ligavam a menor importancia á defesa do Brasil, tão que, ao receberem a noticia de que uma segunda expedição estava se preparando para invadir o nosso paiz, limitaram-se apenas a ordenarem a Mattias de Albuquerque a voltar ao Brasil, pois, nessa occasião o governador de Pernambuco se achava em Madrid e preparar a defesa, dando-lhe para isso, como bem assignala Mattoso Maia, o *importantissimo* auxilio de 27 soldados.

Os hollandêses, ao contrario, trataram logo de incrementar a lavoura, melhorar a cidade do Recife e dar-nos ampla liberdade religiosa, pois os proprios judeus, que eram tão odiados nessa epoca, reuniam-se em suas synagogas e ali celebravam publicamente as cerimoniaes do seu culto.

Mediante todas estas cousas, Calabar comprehendeu que o

dominio hollandês seria muito util a nossa terra e sem hesitar passou para suas forças.

Porem a isto respondem os seus detractores, que Calabar não tinha capacidade para comprehender que a colonisação neerlandesa, seria a melhor ao Brasil; mas isto, não é real.

Diz Olympio Galvão no seu trabalho — "Calabar na historia ou o dominio hollandês no Brasil:" Calabar era dotado de fina perspicacia, era tambem de nm talento apurado, pois em breves dias de trato com o inimigo aprendeu a lingua flamenga e tornou-se grande interprete para seus novos chefes."

Um individuo que aprende uma lingua como a flamenga em poucos dias, não é uma pessoa sem comprehensão.

Em resumo, penso que Domingos Fernandes Calabar, se não foi o unico patriota d'aquella epoca, muito menos foi esse trahidor, esse monstro como o qualificam, e quem sabe se para o futuro lhe será feita a devida Justiça.

Cuiabá 2 - 7 - 921

B. F. Mello.

SECÇÃO AMENA

No intuito louvável de estimular os nossos prezados leitores e consócios a peq. s. interess. ntes, sôbre questões referentes à Literatura, à Língua e à História, iniciamos hoje o primeiro dos nossos concursos, a que deverão concorrer cinco sócios escolhidos por sorte, e todos os leitores que quiserem. Os concorrentes enviarão as suas soluções em envelope fecho, dirigido a Hélio, nesta redacção, e até o dia 15 de Agosto. O julgamento será feito por um grupo de literatos de reconhecida fama, sendo publicados em nosso órgão as soluções que alcançarem o primeiro lugar.

São as seguintes as questões:

1) ¿ São apócrifos os Sonetos do Exílio.

1) ¿ Qual a grafia verdadeira: *portuguez* ou *português* ?

3) ¿ Portugal tinha direito á margem esquerda do Prata.

Foram sorteados os sócios snrs. Fernando de Figueiredo, Alvaro Rondon Pontes, Virgílio Alves Corrêa Neto, Benedicto Francisco de Mello e Celestino Corrêa Pina.

Noticiario

O NOSSO 2.º NUMERO

Penhorados agradecemos aos orgams da imprensa local que se dignaram de noticiar o reaparecimento da nossa Revist., tornando extensivos os mesmos agradecimentos ao publico em geral, que tão amavelmente nos acome...

A CAPITAL

Com o titulo acima, surgiu na liça jornalística desta cidade mais um periodico, cujo lemma é bem nobre. Retribuimos a sua visua, desejando-lhe vida longa e cheia de prosperidades.